

MONOGRAFIA DE
Maria da Penha Nery

CAPÍTULO - 1 - TEORIAS DO VÍNCULO E DOS PAPÉIS: UM ESTUDO
DIALÉTICO DA PERSONALIDADE

“Pense, neste momento, nos vínculos que vocês têm na vida.”

Esta foi a proposta da diretora de uma das primeiras vivências sociodramáticas de que participei. Olhei-a, perplexa, e me perguntei: “Qual é o objetivo dela?” e “Que estranho! Todos fazem o que ela pede!”

Permaneci neste movimento interior durante quase todo trabalho. De repente, numa distração de minha vigília sobre a diretora, surgiram-me lembranças de vários relacionamentos: em alguns eu me sentia diferente e fazia crítica às pessoas e em outros eu admirava a irreverência das pessoas...

Levei um susto, pois, naquele momento, com aquela diretora, eu estava repetindo minha dinâmica vincular carregada de questionamentos e de resistências...

Percebi que não havia saída: naquele trabalho, de qualquer maneira eu estaria me vendo, e isso iria repercutir em meus vínculos!

Ah! Vínculos! Constantes, inevitáveis, fatais, fundamentais...

Mesmo na solidão, lá estão eles. Como desconectaremos das relações e deixaremos de ser partes do todo ou de sermos um todo com partes?...

Resolvi aprofundar esse assunto, desde então... E até hoje me pergunto sobre meus vínculos...

Assim, a socionomia, ciência que estuda os grupos e a articulação entre o individual e o coletivo (num sentido estrito, o psicodrama) com suas teorias do vínculo e dos papéis, passou a pertencer a minha vida profissional.

A teoria do vínculo traz grandes rumos para a pesquisa em Psicologia. Por serem ligados ao pensamento dialético e fenomenológico-existencial, os teóricos que a postulam, tais como Jacob Levy Moreno, Pichon-Riviére e Frederick S. Perls, têm contribuído para o estudo do ser humano concebido como uma totalidade que abrange corpo, mente e sociedade e para o estudo do homem como um ser-em-relação. O homem, nessa concepção, é ator e sujeito do processo interacional e sua ação tem o caráter dialético de satisfação de necessidades e de aprendizagem dos papéis.

A Psicologia, pois, não mais se restringe ao estudo da mente humana, ao estudo do intrapsíquico, mas passa a enfatizar o estudo da **interação** organismo-meio: o que ocorre no homem que age sobre o meio e no meio que age sobre o homem, portanto, o estudo do inter-psíquico.

A socionomia, por intermédio de suas teorias do vínculo e dos papéis, demonstra a importância do estudo do ser humano em constante movimento relacional e desenvolvimento.

A teoria do vínculo parte do pressuposto de que o homem se revela e se estrutura por meio da ação, ou seja, do desempenho de papéis e do estabelecimento de vínculos.

Jacob Levy Moreno, a partir do teatro espontâneo criou o Psicodrama, a partir deste criou a Socionomia. O autor desenvolve teorias que evoluem à medida que seus novos métodos sociátricos ou de pesquisa psicodramática se aperfeiçoam.

Nesse sentido, iniciando com a teoria dos papéis, um dos pilares da socionomia, observamos que Moreno incrementa as definições do conceito de

papel ao longo de sua vida de pesquisador. Enfocaremos algumas definições relativas à formação, manutenção dos vínculos e ao desenvolvimento da personalidade.

O autor nos afirma que o eu emerge dos papéis, ou seja, antes mesmo de ter a noção de eu, da personalidade, ou de construir a linguagem falada a criança desempenha papéis.

Nesse sentido, o Psicodrama focaliza o estudo da ação, a partir do pressuposto de que a estruturação do ser humano se dá nas relações e de que a psiquê também é a-semântica e pré-verbal.

A ação é composta dos papéis e dos vínculos estabelecidos por meio das complementações dos papéis.

Uma das definições morenianas de papel é

“a forma de funcionamento que um indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (1974, p.27).

Os papéis são formas de funcionamento do indivíduo em relação ao meio. No meio estão incluídos os objetos, a natureza, os animais, a tecnologia, as outras pessoas e o mundo interno da pessoa. Assim, por exemplo, quando o indivíduo caminha solitário pode desempenhar o papel de observador da natureza; o papel de “autoconfidente”, quando conversa consigo mesmo; ou o papel de pedestre, quando complementa o papel do motorista.

O vínculo do indivíduo com objetos surge do desempenho de determinados papéis. Por exemplo, quando a pessoa ouve um CD, pode estar nos papéis de ouvinte, de compositor, de músico ou de cantor; a interação com o computador pode fazer emergir o papel de “navegador” na internet ou de escritor sem o papel social complementar do leitor. Neste caso, segundo Perazzo, o leitor

é virtual e se coloca num plano futuro. O escritor escreve para um leitor, dirige sua forma de escrever para ele. É mais específico quanto mais específico é o seu livro: científico, literário, para crianças.

Em nossa vida, são notórios os vínculos sociais, nos quais complementamos os papéis sociais das pessoas, formando, por exemplo, os vínculos de patrão/empregado, irmãos, colegas de profissão.

Então, os papéis são um conjunto de respostas ao meio compostos por atos que conjugam o contexto, o momento, as características do indivíduo e a sua cultura.

Estas variáveis fornecerão algumas classificações aos papéis.

Moreno nos apresenta a classificação de papéis psicossomáticos, papéis psicodramáticos (ou psicológicos) e papéis sociais.

Alguns teóricos questionam a existência dos papéis psicossomáticos e distinguem os papéis sociais, os imaginários, os psicodramáticos e os de fantasia.

Quanto aos papéis psicossomáticos, Moreno os define como os primeiros desempenhados pelo ser humano e ligados às funções vitais. Assim, temos, por exemplo, os papéis de ingeridor, defecador, urinador, dormidor, respirador.

Ao desempenhar os papéis psicossomáticos, a pessoa estabelece contato com o mundo basicamente por meio do seu corpo e, a partir das necessidades fisiológicas, ela capta e registra as vivências de sua matriz de identidade. Matriz de identidade é, segundo Moreno, a organização social presente desde a concepção da pessoa, o *locus* em que ela mergulha suas raízes psíquicas e sócio-culturais.

Desenvolvendo esta concepção de papéis psicossomáticos, Rojas Bermudez (1980) criou a teoria do núcleo do eu. Para o autor, os papéis

psicossomáticos são estruturadores da personalidade e precursores do aprendizado dos papéis sociais.

Victor Dias (1987, 1994) aprofundou essa teoria e elaborou a teoria da programação cenestésica, segundo a qual a criança, em seus três primeiros anos de vida, incorpora o clima afetivo da matriz de identidade, por intermédio do desempenho dos papéis psicossomáticos. Esse processo resultará na formação do “eu”.

Portanto, Moreno, Bermudez e Victor Dias situam os papéis psicossomáticos na dimensão corporal e os concebem como formas anteriores de experiência, nas quais apoiar-se-á o desenvolvimento dos papéis sociais.

No entanto, a existência dos papéis psicossomáticos é questionada por Mezher (1980), quando define papel como

“um conjunto de atos, segundo o modelo prescrito por uma determinada sociedade, na interação entre seres humanos” (1)

Neste sentido, o autor deduz que os papéis psicossomáticos não possuem estes elementos básicos: a interação entre humanos, o conjunto de atos e a subordinação a modelo prescrito pela sociedade, não é possível a sua concepção.

Observamos, porém, que a definição de Mezher é restrita aos papéis sociais, mas seu questionamento é revisto por Perazzo (1984, 1999) e por Bustos (1990).

Esses autores compreendem que o papel psicossomático não possui o requisito da consciência possível, sem a qual não se admite esse comportamento como unidade de conduta, ou como um papel. O que é definido como papéis psicossomáticos são, na verdade, funções vitais, essenciais e

inerentes aos papéis sociais, principalmente ao papel de filho, no caso da criança.

Segundo Bustos, a partir dessas funções, o filho capta e registra, em nível corporal, o clima afetivo da sua matriz de identidade.

A meu ver, a criança vive um processo de co-ação, co-experiência e co-existência, ao desempenhar diversos papéis sociais em seus primeiros vínculos. Esse processo têm dinâmicas vinculares múltiplas e contraditórias que repercutem nas aprendizagens emocional e dos papéis da criança.

Nesse sentido, Castello de Almeida, nos afirma:

“Há, pois, uma intercomunicação de consciências, co-consciência, e a minha subjetividade e a do outro transformam-se em inter-subjetividades...Existir é co-existir... A inter-subjetividade não consiste em uma situação estática de consciências que se comparam, mas sim numa situação dinâmica de consciências que se interpenetram, se reconhecem, se conflituam e se relacionam.” (1988, p.27)

Portanto, na intercomunicação de consciências, o corpo, com suas funções vitais, também viabiliza o estabelecimento do vínculo, contribuindo para a aprendizagem emocional e dos papéis. Então, acompanho Mezher, quando propõe a

“substituição parcial do conceito de papel psicossomático pelo de “zona corporal em ação”. E, para não entrar em choque com o postulado de que os papéis são os aspectos tangíveis do eu, que se desenvolve a partir deles, complementa: ‘as zonas corpóreas como áreas corporais funcionando em relação ao mundo, num crescente processo vivencial de um corpo em relação ao mundo e de suas partes

entre si, processo concomitante e integrado com sua experiência social, são fatores na consolidação da identidade corporal, substrato suficiente para as fundações do “ego” (1)

A criança, num processo intersíquico, por intermédio do desempenho dos papéis sociais, vai estruturando sua psiquê, com a colaboração das zonas corporais. Nesse enfoque, temos a integração dinâmica entre mente/corpo/ambiente/vínculo, necessária para a compreensão do complexo desenvolvimento infantil.

Quanto ao conceito de papel social, Moreno o define como

“uma experiência interpessoal que necessita, usualmente, de dois ou mais indivíduos para ser realizada” (MORENO, 1974, p. 238),

Papel social é um conjunto de respostas de um indivíduo ao outro, que também responde assumindo um contrapapel ou papel complementar.

Portanto, os papéis sociais exigem papéis complementares, para que se dê o estabelecimento do vínculo social, tais como médico/paciente, motorista/passageiro, avô/neto, cônjuges.

Torna-se mister, pois, a visão do todo, que é o vínculo, no qual, um papel, para ser desempenhado, necessita do papel complementar. É a partir da complementação de papéis entre os indivíduos que os dramas da existência humana se fazem presentes. Assim, as cenas de nossas vidas são incrementadas pelos papéis em nossos vínculos.

Ainda, os determinantes culturais dos papéis sociais tornam nossos dramas mais densos. Para Bustos, papéis sociais

“são os que correspondem às generalizações convencionais de acordo com determinantes culturais” (Bustos,1990; 73)

Nesta linha, Perazzo define papel

“um atributo do indivíduo, conferido consensualmente pela sociedade” (1986, 83).

E, segundo Moreno:

“o papel é uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais” (1974: 238).

Portanto, papel social é a forma real que o “eu” assume em seu contato com o meio (elementos privados dos papéis), que, ao mesmo tempo, contém as pautas de condutas transmitidas pela sociedade (elementos coletivos dos papéis).

Nesse sentido, os papéis, por exemplo, de cozinheiro, de líder, de soldado, de pai, dentre outros, seguem os padrões de uma cultura ou de uma sociedade e ao mesmo tempo exprimem a personalidade de cada pessoa que os desempenha.

Os elementos privados dos papéis são a modalidade vincular de cada indivíduo que fornece aos elementos coletivos a coloração individual, ou seja, seu *modus operandi* num vínculo. A modalidade vincular abrange a conduta, os sentimentos, a sua cognição, imaginação do indivíduo e o papel complementar do outro, num determinado momento e contexto. Fonseca Filho (1990), elaborou o conceito modalidade vincular afetiva, referindo-se às maneiras de vinculação aprendidas nas vivências afetivas.

Portanto, os elementos privados dos papéis proporcionam ao indivíduo a singularidade e a peculiaridade do desempenho dos papéis sociais

aprendidos na sociedade: assim, por exemplo, cada pessoa será uma amiga ou uma vizinha com seu jeito único de ser.

Neste sentido, Anzieu (1981) afirma que o papel está naquilo em que a pessoa está implicada. E Rocheblave-Spenlé nos diz:

“a atitude social de um indivíduo não é controlável e depende de suas características de personalidade, apesar do papel desempenhado.” (p.142-143, in Perazzo, 1986, p.87).

Em nossa prática sociátrica observamos conflitos ou perturbações no desempenho dos papéis, em determinados momentos, advindos das superposição de um dos elementos dos papéis, ou dos coletivos ou dos privados, sobre a personalidade.

Aguiar (1990) amplia o conceito de papel social, relacionando-o aos objetivos das relações:

“Os papéis constituem sistemas pluri-unívocos de expectativas, multilateralmente confirmadas, que balizam a complementaridade das ações executadas pelos parceiros, em função de um objetivo comum” (p. 50)

Os objetivos e as expectativas das pessoas nas relações pertencem aos projetos dramáticos (Aguiar, 1990, 1998). Projeto dramático é o objetivo do vínculo que se estabelece, é a expectativa de vinculação, inclui o critério sociométrico que lança o indivíduo para a escolha da(s) pessoa(s) que possa(m) realizar uma atividade e para a formação dos vínculos. Ele está associado ao intrapsíquico, no que concerne à motivação, aos desejos, às necessidades ou às circunstâncias do indivíduo e ao interpssíquico, quando o direciona para uma ação conjunta específica.

Portanto, os projetos dramáticos fornecem um contínuo movimento intersíquico no campo vincular.

Concluimos que o conceito de papel social contém as dimensões psíquicas e intersíquicas, no sentido de que ele é um aspecto tangível do eu, e, ao mesmo tempo, a complementação de papéis resultam nos vínculos.

Quanto aos papéis imaginários, Naffah Neto (1979) nos diz que são os localizados no mundo imaginário e que se opõem aos papéis sociais. Segundo o autor, na matriz de identidade, no processo de diferenciação entre o real e o imaginário, a atividade imaginativa tende a pertencer a um espaço restrito e isolado. Esse processo desenvolve os papéis imaginários, que

“são os resultantes da fantasia e da imaginação do indivíduo, mas não transformados em ação efetiva, não atuados e desempenhados”. (2)

Eles serão resgatados ou concretizados por meio dos papéis psicodramáticos, no palco do Psicodrama, na ação espontânea do ator-autor-criador (ou do protagonista (3)).

Na minha concepção, os papéis imaginários são, em grande parte, inconscientes e pertencem ao mundo interno do indivíduo, ao universo intrapsíquico, à dimensão do eu. Por isso, no vínculo, eles fomentam o fenômeno da transferência, sendo, portanto, mais complexos.

Além do que Naffah Neto nos apresenta, a meu ver, os papéis imaginários surgem de diversas maneiras: 1) podem ser criados pelo próprio indivíduo, a partir de sua atividade imaginativa, como os papéis ligados aos delírios e às alucinações; 2) podem ser aprendidos, por meio da observação do ambiente externo, e fazerem parte do mundo da fantasia; 3) podem, conforme Perazzo e Naffah Neto, surgir dos sentimentos e desejos, que, em alguns contextos, são reprimidos, não realizados ou impedidos de serem expressos. Por

exemplo, algumas vivências primárias relacionadas aos vínculos familiares podem ficar mal resolvidas, diante das oposições entre os desejos e as interpolações de resistências, ou diante dos jogos sociométricos relacionados às escolhas, aceitações e rejeições entre os indivíduos do grupo. Desse modo, essas vivências podem originar os papéis imaginários, à medida que algumas condutas dos papéis sociais não são atuadas, são reprimidas ou os vínculos são conflitivos e vividos insatisfatoriamente.

Na minha concepção, as experiências conflituosas ou mal resolvidas derivam os papéis imaginários e os associam às funções dos papéis sociais aprendidas nos vínculos que estabelecemos.

Quanto a essa idéia, primeiro definiremos funções de papéis. Funções de papéis são as várias atividades exigidas para que um papel social seja exercido.

Moyses Aguiar (1990) denomina as funções de papéis de subpapéis que compõem o papel principal. Por exemplo, quando estamos no vínculo com a mãe, além de aprendermos os papéis sociais de filho e de mãe, também aprendemos as funções de papéis de cuidador, de protetor, de aconselhador, de mantenedor, dentre outras.

Os subpapéis podem pertencer aos projetos dramáticos dos indivíduos num vínculo, ou podem ser exigidos na consecução de um projeto dramático comum de um outro vínculo. Assim, a natureza de um vínculo social pode prevalecer, em um determinado momento, sobre a natureza do outro vínculo estabelecido, a partir do predomínio dos subpapéis do primeiro vínculo. Isso também resultará na sociometria (4) dos vínculos. Por exemplo, um supervisor de uma sessão pode ter algumas funções de amigo com os subordinados, tais quais confidenciar problemas particulares; fazer o trabalho por eles, quando precisam; dar-lhes vantagens nos horários; sendo por eles

complementadas. Assim, eles também vivem, em determinados momentos e em vários graus de consciência, o vínculo “amigos”, dentro do vínculo social supervisor/subordinado. Nesse caso, segundo Aguiar, os subpapéis se tornam papéis paralelos desempenhados junto com os papéis principais do vínculo social.

Prefiro, porém, denominar de papéis latentes as funções de papéis (ou os subpapéis) e os papéis paralelos. Os papéis latentes são as funções de papéis que aprendemos, juntamente com os papéis sociais, e são também o conjunto de papéis sociais pertencente à personalidade. Nesse sentido, tanto as funções de papéis, como alguns aspectos do conjunto de papéis sociais estão, de certa forma, disponíveis para serem exercidos, nos vínculos sociais, à medida que os projetos dramáticos dos envolvidos os exigem.

Uma das manifestações do fenômeno da transferência e da co-transferência **(5)** acontece quando os papéis imaginários, advindos das repressões dos desejos, ou de impedimentos de expectativas, se associam aos papéis latentes e, dessa forma, encontram um canal para se manifestarem num vínculo social.

Nessa ótica, os papéis imaginários podem sair do seu reduto da fantasia e da imaginação (e do campo dos sonhos) e serem atuados, em diversos graus de consciência, num vínculo social. E, assim, na complexidade de num determinado campo vincular, por exemplo, de professores/alunos, podemos atuar, por meio da interpsiquê, papéis latentes de, por exemplo, “vítima”, “sabe-tudo”, “santo”, “pecador”, “desprotegido” e, a partir daí, muito de nossas fantasias podem estar na ação.

4) Os papéis imaginários também podem surgir do redimensionamento psíquico de papéis “arquetípicos”, ou seja, dos papéis que estão enraizados nos mitos e em toda cultura e sociedade com funções determinadas e objetivas, como por exemplo o papel do salvador, do monstro,

do deus, da bruxa, da fada; ou de personagens históricos que incorporam essas funções, tais como o papel de Cristo, de Napoleão, de Hitler.

5) Ainda, os papéis imaginários podem surgir da capacidade imaginativa do ser humano de dar vida psíquica e de se deixar ser interferido psiquicamente por todos os elementos da natureza, animados ou inanimados. Por exemplo, fazer “amizade” com uma pedrinha, sentir-se um peixe de um aquário ou sofrer por uma árvore arrancada, ao se imaginar no seu lugar.

Portanto, essas várias possibilidades das origens dos papéis imaginários e a sua natureza eminentemente intrapsíquica nos fazem deduzir que eles estão vinculados ao processo da transferência.

Ainda, fortalecendo a ligação entre papéis imaginários e transferência, temos que os papéis imaginários, por serem, também, o resultado de características de vínculos que permanecem conservados e/ou não atuados no indivíduo, estão atrelados ao papel complementar interno patológico. Papel complementar interno patológico é um conceito de Bustos (1982) e se refere aos aspectos do outro internalizados pelo indivíduo em vínculos conflituosos.

Explica-se: nos vínculos sociais, as pessoas podem, num processo transferencial, viver algum papel imaginário, conjugado ao papel complementar interno patológico ou a algum papel latente, e serem complementadas. Esse processo pode ou não resultar na co-criação **(6)**.

Quando o processo transferencial bloqueia a espontaneidade-criatividade **(7)** dos indivíduos no vínculo, surge o sofrimento, a despotencialização dos envolvidos, e uma situação de desequilíbrio. Por exemplo: num vínculo vendedor/comprador, as pessoas podem viver, com graus variados de consciência, papéis imaginários que estão associados a vivências internalizadas em vínculos conflituosos ou patológicos. Os papéis imaginários podem interferir dinamicamente no vínculo, quando, tanto o comprador, como o

vendedor, ao atualizá-los, tentam alguma homeostase, relacionada a conflitos cristalizados em suas vidas ou relacionada à busca da liberação da espontaneidade-criatividade.

No entanto, o cenário psicodramático é o espaço no qual os papéis imaginários vêm à consciência através da ação dramática, e, portanto, podem ser atuados terapeuticamente. Nesse contexto, os papéis imaginários são resgatados pelos papéis psicodramáticos, à medida que a especificidade dessa vivência viabiliza uma catarse de integração em relação aos papéis sociais. Nessa experiência, vive-se a realidade suplementar, ou seja um *plus* de realidade que permite a expressão e a atuação de muitas fantasias, desejos e necessidades aprisionados no mundo imaginário, possibilitando o surgimento de novos *status nascendi* relacionais.

Ainda advindo do mundo imaginário, a mais recente categoria da classificação de papéis são os papéis de fantasia de Perazzo (1994). Papéis de fantasia são do âmbito imaginário, mas atuados facilmente a partir de um pequeno esforço espontâneo e criativo. Segundo o autor, esses papéis, estão, portanto, livres de “transferências” e podem ser jogados fora do cenário psicodramático, onde teriam uma “função psicodramática” espontânea.

Quanto aos papéis psicodramáticos, os autores Moreno (1974), Fonseca (1980, 1999), Aguiar (1990, 1998) os definiram como os papéis vividos num contexto específico do Psicodrama, o cenário psicodramático. Naffah Neto (1979,) nos afirma que esses papéis emergem da síntese entre a imaginação e a ação. Assim, os papéis psicodramáticos concretizam, na ação dramática, os papéis imaginários, num contexto específico, propiciando ao sujeito uma existência una, sem a clivagem em papel social e pessoa privada.

Perazzo também define os papéis psicodramáticos como os

“papéis jogados no cenário psicodramático e tem por principal função resgatar o papel imaginário não atuado, servindo de ponte entre o papel imaginário e os sociais, numa explosão espontânea e criativa, cuja expressão máxima é a catarse de integração.” (1994; 85).

Portanto, o cenário psicodramático possibilita uma realidade suplementar a partir da vivência de cenas que exteriorizam os personagens do mundo imaginário ou do mundo social do protagonista. Assim, o protagonista pode representar vários papéis psicodramáticos, tais como os de “pai”, “amiga”, “babá”, “príncipe”, “bruxa” ou de algum sentimento, objeto ou pensamento, dando vida, no cenário do psicodrama, aos conflitos ou aos temas por ele relatados.

A vivência dos papéis psicodramáticos poderá propiciar, em diversos níveis, a catarse de integração, ou seja o resgate de emoções e experiências que influenciarão criativamente os papéis sociais do indivíduo. Nesse sentido, Perazzo sintetiza os autores Castello de Almeida e Bustos, dizendo que a catarse de integração é a ação da espontaneidade em um dado momento de desvendamento do drama, e

“a continuidade integradora da descoberta em um processo de dimensionamento e desempenho de novos papéis e de redimensionamento e desempenho renovado de papéis já existentes.” (1986, 106).

Reñones (1996) nos afirma que o fundamento da catarse de integração é dizer adeus a uma forma de estar no mundo, para integralmente adquirir um novo *modus vivendi*. A catarse é a parte culminante de um processo de transformação e de passagem para essa nova forma, mais integrada, que toma

o lugar da antiga, que é superada, elaborada, re-assimilada e não apenas “purgada” ou “jogada fora”. Segundo o autor, a catarse de integração é uma experiência coletiva, que transforma o todo, a relação, o grupo e não apenas o indivíduo.

Mas, continuando sobre os papéis psicodramáticos, Moreno também os definiu como pertencentes à dimensão psicológica do eu, ou relacionados ao mundo interno do indivíduo e surgindo de sua atividade criadora, tais como os papéis de fantasmas, fadas e aqueles advindos das alucinações. Fonseca (1980) tentou diferenciar os papéis psicodramáticos dos psicológicos, conceituando estes últimos como relativos à dimensão psicológica do eu, e os primeiros como aqueles atuados no cenário psicodramático. Atualmente, o conceito de papel imaginário, proposto por Naffah Neto, abrange o conceito de papel psicológico.

Concluimos, portanto, concatenando as visões, que os papéis psicodramáticos são os vividos no cenário psicodramático e que têm a função primordial de resgatar os papéis imaginários e os sociais para a experiência da catarse de integração.

2 - Vínculo e co-inconsciente:

A relação dinâmica entre as categorias de papéis em nossa personalidade leva-nos a deduzir que os papéis sociais, por serem compostos pelas dimensões intra e intersíquica, operacionalizam a expressão da personalidade através dos vínculos e atualizam os papéis imaginários e os de fantasia, a partir do co-consciente e do co-inconsciente. Tudo isso repercute no entendimento dos fenômenos tele e transferência.

O co-consciente e o co-inconsciente (Moreno, 1974) são os conteúdos comuns conscientes e inconscientes, respectivamente, criados pelas

pessoas nos vínculos. Os conteúdos comuns fornecem aos vínculos uma dinâmica própria. A meu ver, em determinados momentos, o co-consciente e o co-inconsciente viabilizam a “representação” dos papéis imaginários e dos de fantasia, a partir da complementação dos papéis sociais. Nesse sentido, os papéis imaginários e os de fantasia, pertinentes à dimensão intrapsíquica e diferenciados pelo grau de consciência, podem ser atuados em qualquer vínculo ou contexto, bloqueando ou facilitando a co-criação.

Assim, os conceitos de co-consciente e co-inconsciente fornecem à intersiquê ou à intersubjetividade maiores esclarecimentos sobre o dinâmico processo de vinculação.

Nos estados co-consciente e co-inconsciente, o fenômeno da transferência, que tem origem no mundo interno da pessoa, ocorre paralelamente ao fenômeno tele, que é eminentemente interpsíquico.

Entendo o fenômeno tele como o responsável pela formação dos vínculos e o promotor da criação coletiva, ou da co-criação, da produtividade e da liberação das potencialidades dos envolvidos num vínculo.

A manifestação desses fenômenos também é contínua, pois a intersiquê, ou a intersubjetividade é uma realidade constante no campo vincular.

O fenômeno tele tem origem no campo sociométrico, ou seja o campo das escolhas para as complementações de papéis, viabilizadas pela afetividade, pelo perceptual, pelos projetos dramáticos comuns e pelo encontro de espontaneidades. Mas, ao mesmo tempo, o fenômeno tele origina este campo, resultando o vínculo.

A partir dos estados co-consciente e co-inconsciente, em determinados momentos, a complementaridade dos papéis pode acionar a transferência que se torna um “*input*” para a tele ou a transferência que promove a co-destrutividade.

A transferência que impulsiona a tele resulta num processo co-criativo, liberador da espontaneidade-criatividade das pessoas no vínculo, tornando-o produtivo ou resolutivo dos conflitos. A transferência que traz um processo co-destrutivo despotencializa o eu dos envolvidos, resultando numa complementação patológica dos papéis.

O enfoque terapêutico ou sociátrico é sobre a transferência inviabilizadora da co-criação, que provoca, dentre outros males, sofrimento, dor, sentimentos angustiantes e alienantes, que reportam a papéis imaginários e condutas cristalizadas, perturbadoras da inversão dos papéis.

A inversão de papéis pressupõe a capacidade de se vincular com o outro percebendo-o e a si mesmo adequadamente. Essa adequação é a fluência emocional e cognitiva do(s) envolvido(s) no vínculo, que integra criativamente o contexto, o momento e o desempenho de papéis que a situação exige.

Portanto, o estabelecimento e a manutenção do vínculo acontecem devido à complementaridade de papéis fomentadas pelos estados co-consciente e co-inconsciente, cujos fenômenos tele e transferência dinamizarão a relação.

Moreno considera o conceito freudiano de inconsciente como o processo mental cuja existência somos obrigados a assumir, pois o inferimos a partir dos seus efeitos, e dele não estamos diretamente conscientes; ou seja, a pessoa nada sabe de seus conteúdos e é preciso dispendir um esforço extra para tornar-se consciente dos mesmos. No entanto, Moreno questiona que

“devemos modificar o significado de inconsciente, procurando por um contraponto, uma espécie de chave musical que seja capaz de relacionar qualquer acontecimento no inconsciente de A a cada evento no inconsciente de B, ou devemos buscar conceitos construídos de tal modo que a indicação objetiva de sua existência não

decorra das resistências de uma psiquê individual mas, sim, de uma realidade ainda mais profunda na qual estejam entretecidos os inconscientes de diversas pessoas, um “co-inconsciente”.” (1983, p. 61-63).

O autor pressupõe que pessoas que vivem juntas desenvolvem ao longo do tempo um conteúdo inconsciente comum, que só pertence àquele vínculo ou grupo. As pessoas trocam inconscientemente conteúdos e se comunicam por meio de uma realidade mais profunda e sutil, tornando a díade ou o grupo um todo peculiar, com dinâmicas e características próprias. É como se a díade ou o grupo formasse também uma “personalidade”, a partir do intercâmbio das subjetividades dos envolvidos. O co-inconsciente promove a representação mental mútua dos parceiros do grupo, possibilitando a realização dos projetos dramáticos e a maior ou menor coesão grupal.

A socionomia fundamenta teoricamente a proposta de Moreno do tratamento das relações e dos grupos, ou a sociatria. Moreno foi o criador da psicoterapia de grupo e o pioneiro do tratamento dos casais e da família. Em um estudo de caso, percebeu, ao tratar os conflitos de um casal, que não era uma pessoa ou a outra que estava doente, mas havia uma neurose interpessoal.

Segundo o autor, na neurose interpessoal, há aspectos do co-inconsciente que perturbam o vínculo, ao catalisarem a patologia na complementaridade dos papéis que, de alguma maneira, destrói a integridade psíquica e social dos envolvidos.

Assim, as técnicas, os jogos, a intervenção e a abordagem psicodramática e sociátrica objetivam elucidar o co-inconsciente, viabilizando a co-criação. A co-criação torna mais produtivas a comunicação, o desempenho de papéis e as escolhas sociométricas dos indivíduos no vínculo ou no grupo. Neste sentido, a terapêutica abrange os fatores individuais que bloqueiam a

espontaneidade-criatividade, como nos fatores interpessoais que geram a sociodinâmica impeditiva da co-criação.

Trata-se de conceber o indivíduo como ser em relação e que tem em seu mundo interno vários aspectos de seus vínculos.

Dessa forma, o psicodramatista, em uma intervenção psicoterápica ou sociátrica, está num campo vincular com seu cliente, vivendo as interferências das complementaridade dos papéis e nelas interferindo. Portanto, de acordo com a teoria do vínculo, o psicodramatista não tem como deixar de ser o observador participante, o pesquisador participante, o terapeuta participante.

3 – Sociometria dos Vínculos e Espontaneidade-criatividade

Aprofundando sobre a socionomia, Moysés Aguiar (1990, 1998) diferenciou três categorias de vínculos: os residuais, os atuais e os virtuais. Essas categorias estão, de alguma forma, relacionadas às categorias de papéis.

Para o autor, os vínculos residuais são aqueles que no passado foram atuais e que se encontram desativados, aqueles cuja existência está no plano da fantasia, como memória:

“o sujeito individual conserva uma imagem sociométrica de relações bipessoais ou grupais vivenciadas no passado (...) os vínculos desativados podem incorporar a história de diferentes maneiras. Uma delas (...) se constituem em momentos superados (...) e podem ser lembrados (...) Outros perpetuam-se por terem adquirido a característica de modelos relacionais.” (1990, 57-58).

O vínculos atuais são os que se verificam nas relações concretas, no plano da realidade em contraposição ao da fantasia. Os vínculos virtuais têm

como âmbito também a fantasia, como os residuais, e são os vínculos que o “sujeito estabelece com objetos/personagens imaginários ou míticos (como o “príncipe encantado”, por exemplo), ou muito distantes da realidade concreta, embora reais (tais como um ídolo artístico ou político).” (Aguiar,1990, p.61)

Essas categorias de vínculos estão relacionadas às classificações dos papéis sociais, imaginários, de fantasia e psicodramáticos e ampliam a compreensão dos vínculos que estabelecemos.

Nos vínculos atuais, desempenhamos eminentemente os papéis sociais, sendo interferidos, a meu ver, em vários graus de consciência e alguns momentos, pelos papéis imaginários ou de fantasia.

Além da definição de Aguiar, penso que os vínculos residuais pertencem ao mundo intrapsíquico, sendo, portanto, também compostos pelos papéis imaginários, papéis latentes e de fantasia e dos aspectos internalizados dos vínculos.

Os vínculos virtuais, no meu entender, também abrangem a vivência dos papéis sociais à distância e os papéis imaginários e os de fantasia que permanecem no mundo imaginário ou de fantasia.

No cenário psicodramático, o papel psicodramático resgata todos estes vínculos para uma (re) vivência elaborativa.

De acordo com Aguiar, na sociometria da vida, cada vínculo será definido a partir do “projeto dramático”. Por exemplo, um vínculo de namoro surgiu em virtude da realização mútua do projeto dramático “querer namorar”. Um vínculo entre jornalistas, por exemplo, surgiu da consecução de um projeto dramático profissional comum de, por exemplo, “terminar uma reportagem”.

Perazzo (1994) afirma que a co-criação implica a convergência ou não de perceptuais dos sujeitos para um projeto dramático comum, no qual a trama aparente direciona o vínculo para a trama oculta, que é o projeto dramático

latente. Assim, o projeto dramático derivado do social, a partir da complementação dos papéis sociais, tem uma dimensão manifesta e uma latente, que é a individual e vinculada ao intrapsíquico.

Segundo Moreno,

“o grupo é de duas pessoas, mas o número de papéis que eles desempenham face a face é superior a dois.”(1974, p. 401)

Isso indica que, em nossos vínculos sociais, somos chamados a desempenhar, em graus variados de consciência, diversos outros papéis, que denominei de papéis latentes (ou funções de papéis), que executam os projetos dramáticos manifestos e latentes. Por exemplo, num vínculo conjugal, o marido pode, em determinados momentos, solicitar da esposa o papel de “cuidadora”, de “enfermeira”, de “mãe”, de “aventureira”, dentre outros.

Portanto, na sociometria dos vínculos,

“todo e qualquer indivíduo assim como é foco de numerosas atrações e repulsões, também é foco de numerosos papéis que estão relacionados com os papéis de outros indivíduos.” (Moreno, 1974, p. 402).

Podemos exemplificar com o movimento da paixão. Quando apaixonadas, as pessoas tentam exercer todos os seus papéis realizados ou irrealizados, tornando o amante o foco destas realizações. Se a pessoa não complementa os papéis latentes requeridos pelo parceiro, ele tenderá a procurar a complementação em outros vínculos, visando sua homeostase “sociométrica” ou psíquica. Essa é mais uma das manifestações do fenômeno transferência, além da atualização dos esquemas relacionais, ou da modalidade vincular afetiva, aprendida na matriz de identidade. E, ainda, para Aguiar, a transferência também ocorre em todas categorias de vínculo, pois um vínculo atual carregado de

conflitos e perturbações, como o profissional, pode contaminar um outro vínculo atual, como o familiar.

A teoria do vínculo incorpora todos os fatores pertinentes à teoria dos papéis, numa dimensão mais globalizada e complexa. Mas, ainda, a socionomia conceitua o vínculo como uma parte de um outro todo, que é o grupo, que por sua vez é parte de outro todo, que é a humanidade, que é parte do cosmo...

Assim, não perdemos de vista a concepção cósmica do ser humano, um ser em relação não apenas com o outro, mas com o universo...

A visão globalizada do vínculo se torna mais clara, a partir dos estados de co-consciente e co-inconsciente.

Aguiar (1990) afirma que no conceito sacionômico de vínculo

“devemos ter em conta que, na trama dramática, cada objeto, cada situação, cada personagem tem o seu lugar e sua importância como parte de uma globalidade: o todo é que dá sentido às partes. É o “projeto dramático” que exige o protagonista, os coadjuvantes, o cenário, o enredo.” (p. 49)

Tem-se, pois, que os fatores sociométricos ressaltam o sentido de existência de um vínculo, ou seja os critérios das escolhas, as incongruências e congruências nestas escolhas, o campo perceptual, a reciprocidade e a criatividade. A globalidade da trama dramática se insere, portanto, nos universos do co-inconsciente e do co-consciente.

Ainda podemos distinguir entre vínculo, interação e relação. Na minha concepção, os vínculos abrangem a interação e a relação do indivíduo com o meio, mas vão além delas.

A interação se compõe de um desempenho ou de uma complementaridade de papéis circunstanciais, que envolvem um conjunto de respostas ao outro, aos objetos ou à natureza, relacionadas à cognição, à afetividade ou à percepção das suas existências em nossas vidas. Assim, numa sala de aula, interagimos com os frequentadores do curso; na rua, com os pedestres; num parque, com os caminhantes; num ponto de ônibus, com as pessoas que o aguardam. Essas interações não pressupõem uma representação mental mútua **(8)** entre as pessoas.

As relações se compõem de complementaridade de papéis, nas quais as interações entre as pessoas ou entre a pessoa e os objetos se tornam mais freqüentes, fomentando o fenômeno tele que viabiliza a representação mental mútua entre as pessoas. Neste momento, é possível a consecução de alguns projetos dramáticos comuns entre as pessoas ou uma apreensão maior dos elementos dos objetos ou da natureza. Assim, os freqüentadores do curso podem se tornar colegas na escola; um convidado de uma festa, um paquera; um rapaz numa fila do banco, um confidente momentâneo.

Mas, as relações rapidamente se desfazem, se não se fomentarem as trocas intersíquicas ou as interações com meio.

Vínculo é a complementação de papéis sociais, na qual o fenômeno tele efetiva a representação mental mútua e os estados co-consciente e co-inconsciente dinamizam as dinâmicas vinculares. É por isso que o vínculo abrange as interações e as relações do indivíduo com o outro e com o meio, mas as supera, a partir da intersubjetividade.

De acordo com pesquisas sociométricas de Moreno, algumas variáveis, tais quais a proximidade, a intimidade, a freqüência de contatos e assiduidade dos encontros, incrementam o co-consciente e o co-inconsciente,

mobilizando fenômenos tele e a transferência que impulsiona ou não a co-criação.

Assim, os vínculos sociais, por exemplo, de terapeuta/cliente, mãe/filho, irmãos, amigos, colegas de uma profissão, sobrinhos/tios, colegas de curso, porteiro/morador do prédio, terão seus campos sociométricos mais densos e, portanto, com mais conflitos, coesão ou satisfação, quanto mais e múltiplos projetos dramáticos os indivíduos puderem realizar.

Nesse sentido, o campo sociométrico exige o fator “e” para que ocorra a produtividade vincular.

Por conseguinte, no vínculo, consideramos a categoria momento, que nos reporta ao universo aberto, isto é, ao universo sujeito a mudanças e a novidades. O homem, para viver nesse universo, possui um fator ativo a favor de si, o fator “e”, ou seja a espontaneidade, que lhe dá a capacidade para se adaptar às novas situações e enfrentá-las. Espontaneidade é

“uma aptidão plástica de adaptação, mobilidade e flexibilidade do eu.” (Moreno, 1974: 144).

Garrido Martin (9) conclui que a espontaneidade é o núcleo antropológico do indivíduo, a substância ou a essência da alma

O homem, como ser espontâneo, responde, com dramaticidade, plasticidade, originalidade, criatividade e com determinado grau de adequação a uma situação nova ou com certa medida de novidade a uma situação antiga. Assim, com o fator “e” o homem continua a criação do universo.

Para Moreno, o vínculo resulta do contato entre dois estados de espontaneidade centrados em duas pessoas. Assim, não há vínculos sem a manifestação da espontaneidade-criatividade. Esse fator do núcleo antropológico do homem está em íntima conexão com o fenômeno tele,

eminentemente interp-síquico, responsável pela formação e manutenção dos vínculos e pela co-criação.

No universo aberto a situação é específica. O fator “e” manifesta-se no homem para que ele responda à situação de acordo com a sua especificidade. Para enfrentar a situação, o homem faz um aquecimento, que é a colocação em funcionamento de iniciadores corporais, emocionais ou ideativos necessários para o desempenho de um papel, exigido pela situação.

Segundo Bustos (1990), a partir dos iniciadores corporais, buscam-se as zonas de tensão corporal; quanto aos iniciadores emocionais, o foco de atenção são os sentimentos e estados emocionais, e, quanto aos ideativos, visa-se uma fantasia, uma recordação ou uma imagem mental como início da ação.

Quanto a isso, Moreno nos afirma:

“Os papéis e estados espontâneos necessitam de aquecimento preparatório físico e mental para serem adequadamente desempenhados”
(1974, p. 280).

Assim, a pessoa pode, devido a uma série de motivos, ter um aquecimento inadequado, tornando seu desempenho pouco espontâneo em alguma situação. Moreno constata a importância do aquecimento dizendo:

“quanto mais abrangente é o processo de aquecimento preparatório de um papel – quanto mais amplo é o território de uma personalidade específica que abrange – mais satisfatório se torna o papel e mais inspira o desenvolvimento da iniciativa e da espontaneidade em todo contexto vital do sujeito”
(1974, p. 392).

À medida que a pessoa se aquece para desempenhar um papel, suas capacidades de percepção e interpretação de si e do outro podem ou não contribuir para a manifestação da espontaneidade-criatividade, naquele momento. Essas capacidades estão relacionadas, segundo Moreno, aos fenômenos tele e transferência., que estaremos aprofundando no próximo capítulo.

Pichon Riviére (1988) concebe o vínculo como uma estrutura dinâmica movida por motivações psicológicas, que inclui a conduta, sendo que nessa estrutura há dois campos, o externo e o interno. A aprendizagem consiste num contínuo jogo em que o vínculo interno se torna externo e vice-versa.

Assim, finalmente podemos definir vínculo como o resultado do fenômeno tele que viabiliza a complementaridade de papéis sociais, repercutindo nos estados co-consciente e co-inconsciente. Esses estados dinamizarão a interpsíquê e retro-alimentarão a psiquê, a partir do jogo das complexas variáveis psíquicas, ambientais e interpsíquicas presentes na complementação dos papéis, tais quais: momento, contexto, capacidades de percepção e interpretação de si e do outro, comunicação e expressão, afetividade (necessidades, desejos e expectativas); a dimensão corporal; sociometria do vínculo (projetos dramáticos, posição e função do indivíduo no vínculo), sociedade, cultura, imaginação, papéis imaginários, papéis de fantasia, condutas conservadas, espontaneidade-criatividade, hereditariedade e personalidade dos envolvidos.

Todas essas variáveis comprovam o determinismo operacional e funcional de Moreno. Nesse determinismo a aprendizagem emocional e dos papéis é contínua, ocorre por toda a vida, pois nossos vínculos atuais podem resultar em reaprendizados emocionais ou em novas aprendizagens de condutas. Assim, para o autor, há um determinismo não absoluto nas condutas humanas, pois o fator espontaneidade, intrínseco à essência criadora do homem, é o

responsável por sua sobrevivência e evolução no universo aberto e sujeito a mudanças.

4- Aprendizagem emocional e dos papéis

Deduzimos, a partir do determinismo operacional e funcional, que a história e a especificidade dos papéis sociais conjugam a espontaneidade-criatividade e o processo de aprendizagem emocional e dos papéis, que ocorre principalmente na matriz de identidade, por ela ser o primeiro grupo sócio-cultural da criança. O impacto afetivo e cognitivo desse grupo é notório no desenvolvimento da criança.

De acordo com a sociodinâmica, acredito que, nos primeiros vínculos, a criança não passa por fases estanques do desenvolvimento, mas por processos dinâmicos de vinculação, que se movimentam continuamente da total indiferenciação com o outro, passando (repassando ou voltando) pela diferenciação eu-outro e pela capacidade de inversão de papéis.

Devemos compreender a matriz de identidade socionomicamente, ou seja, como um grupo, que tem suas regras, sua sociodinâmica e sociometria.

Todos os envolvidos com a criança também estão aprendendo ou reaprendendo suas emoções e papéis. Trata-se, pois, da formação da identidade dos vínculos, não apenas da criança. Assim, em alguns momentos, com algumas pessoas, a criança tem uma dinâmica vincular indiferenciada, pois a pessoa a complementa nessa modalidade; com outras pessoas, pode ser complementada na modalidade que lhe facilita a diferenciação dela do outro.

Entretanto, focalizando uma parte da criança no vínculo criança/adulto, principalmente nos seus primeiros anos de vida, observamos que o seu desenvolvimento biológico precário interfere no seu desempenho e no

aprendizado dos papéis sociais de maneira específica em relação ao outro que com ela se vincula.

Neste sentido, em sua aprendizagem emocional e dos papéis sociais, a criança vive o primeiro universo, que é o mundo da identidade total, da indiferenciação, no qual os papéis sociais de filho e de criança são vivenciados numa relação estreita com as funções vitais. Assim, as zonas corporais entrarão em ação, contribuindo para a unidade corpo/mente no desempenho e no aprendizado dos papéis sociais.

No primeiro universo, a criança será complementada pelo outro, que lhe proporciona vivências afetivas relacionadas ao conforto, ao alívio ou ao prazer corporal, ou relacionadas ao desconforto, à tensão ou ao desprazer corporal. Nesse sentido, a criança registra, em sua memória organísmica, a atmosfera afetiva presente em todos os vínculos de sua matriz de identidade, o que interfere no aprendizado dos papéis sociais e por eles são influenciados.

Quando o organismo da criança se desenvolve, seu campo vincular também se amplia e ela passa a experimentar o segundo universo, que lhe trará a diferenciação do mundo da fantasia do mundo da realidade (ou do mundo social). Nesse momento, surgem os papéis imaginários, os de fantasia e outros papéis sociais passam a ser desenvolvidos ou desempenhados.

Segundo Moreno,

“Da divisão do universo em fenômenos reais e fictícios, surgem gradualmente um mundo social e um mundo da fantasia, separado do mundo psicossomático da Matriz de Identidade.” (1974, p. 124).

Assim, deduzimos que a vivência desses universos proporcionará a cada ser humano um dinamismo próprio para o desempenho dos seus papéis. A

passagem pela diferenciação do mundo de fantasia e do mundo real influenciará nas capacidades de discriminação dos contextos, da percepção e interpretação do outro e da comunicação da criança. A criança pode, por exemplo, a partir de experiências em vínculos desfavorecedores de seu crescimento sócio-psíquico, se sucumbir num mundo de fantasia e de interpretação distorcida de si e do outro ou reprimir seu mundo imaginário.

A criança, portanto, no processo de aprendizagem vivencial da matriz de identidade, passa a internalizar as características de seus primeiros vínculos e papéis e, ao mesmo tempo, expressa-se desempenhando seus papéis.

Moreno sinaliza que papéis e padrões característicos de interação (vínculo) num contexto são precursores do comportamento ulterior num papel. Portanto, as vivências na matriz de identidade

“representam a base psicológica para todos os processos de desempenho de papéis e para fenômenos tais como a imitação, a identificação, a projeção e a transferência” (Moreno, 1974, 112).

Segundo Moreno, no processo de aprendizagem dos papéis, é possível o efeito cacho de papéis, que é a:

“a transferência de espontaneidade dos papéis não representados para os que serão representados” (1974, p.230)

Essa transferência de espontaneidade se deve ao fato de que os

“papéis não estão isolados, tendem a formar conglomerados” ... (idem)

Entendo, porém, que no efeito cacho de papéis não apenas ocorre transferência de espontaneidade entre os papéis, mas também qualquer

aprendizado que a pessoa tem em um papel pode ser transferido para outros papéis.

Bustos observa que

“os papéis se agrupam segundo sua dinâmica, configurando clusters ou agrupamento de papéis”(1994,76).

Para o autor, o primeiro cacho ou agrupamento de papéis (*cluster*) é derivado da relação do filho com a mãe e é responsável pelas relações de dependência e incorporação, o segundo, é derivado da relação com o pai, gerando a matriz dos papéis ativos. Esses papéis são assimétricos por natureza. E o terceiro agrupamento de papéis deriva da relação simétrica com os irmãos, dando fundamento às relações de paridade. Dessa aprendizagem dos vínculos na matriz de identidade, surge um esquema básico de papéis: o ativo, o passivo e o interativo.

Na minha visão, essa é uma concepção determinista e reducionista dos vínculos da matriz de identidade. Penso que em todos os vínculos, não apenas com os pais, ou até num mesmo vínculo do seu grupo social, a criança pode aprender esse esquema de atividade, passividade e interatividade, além de outras modalidades vinculares. Isso porque vínculo implica movimento, dinâmica, contradições, momento, dentre tantos outros fatores que já explicitamos neste capítulo.

Segundo Aguiar (1990), os vínculos da matriz de identidade se tornam um caso particular dos vínculos residuais mas, na minha opinião, são vínculos residuais fundamentais para o desenvolvimento da personalidade, pois a história de um papel social também retrata a afetividade vivida nos vínculos primários.

O aprendizado emocional se constituirá da afetividade vivida pela criança na matriz de identidade. Quanto a isso, Fonseca afirma:

“nos papéis sociais sempre se encontrará uma fórmula estrutural, que contém a síntese das experiências e marcas afetivas da matriz afetiva primária” (1980: p. 112).

Segundo o autor, esta formula estrutural é a modalidade vincular afetiva da pessoa com o mundo, que se constituirá no modo peculiar do desempenho dos papéis em cada vínculo que o indivíduo estabelece.

Nessa linha, Rosa Cukier (1998) descreve o processo de sobrevivência emocional, a partir do estudo da influência das dores que a pessoa vive em sua infância na estruturação da sua personalidade. Estudando sua prática clínica, Cukier confirma sua hipótese de que

“emocionalmente guardamos outros Eus infantis, originados em circunstâncias indutoras de vergonha ou desconfirmadoras, que mantêm a experiência e posição inicial imutáveis, enquanto continuamos a nos desenvolver e amadurecer numa direção adulta” (1998, p.17).

A partir daí, a autora explicita o conceito da criança ferida que cada adulto tem dentro de si. Essa criança carrega diversas experiências que podem danificar o eu, não apenas de vergonha ou de desconfirmação dela como pessoa. A autora afirma que

“as aprendizagens e as decisões que as crianças tomam ao longo de sua vida, principalmente frente a situações traumáticas... limitam as percepções das escolhas na vida adulta.” (p.18).

Em seu estudo, Rosa segue o entendimento de Dalmiro Bustos (1994), ao realizar a pesquisa da patologia, através da busca do **locus**, do **status nascendi** e da matriz dos sintomas psicopatológicos.

Nesse sentido, Moreno verifica que, na realidade,

“os papéis são precursores do ‘eu’, surgem ‘mesmo que nenhum ‘eu’ nem ‘outro’ social estejam envolvidos”, (1974:210)

Os papéis expressam e estruturam a personalidade do indivíduo, sendo, portanto

“aspectos tangíveis do que se conhece como “eu””
(Moreno, p. 29).

Segundo o autor, é por meio dos papéis que se pode analisar o desenvolvimento pré-semântico e asemântico da psiquê e do grupo.

Portanto, na matriz de identidade, na experiência da interpsiquê, via estados co-consciente e co-inconsciente, a criança age, tem suas zonas corporais em ação e se relaciona com o outro. Nesse processo, ela registra experiências em sua memória orgânica, interiorizando condutas e modelos, aspectos e cenas vividas nos primeiros vínculos que desenvolvem o vínculo interno, a sua psiquê.

Essa é aprendizagem do vínculo externo, que se torna interno e vice-versa. Na concepção psicodramática, trata-se de uma aprendizagem que está a todo momento se refazendo e se recompondo criativamente, pois, ao desempenhar papéis, no contexto atual, a criança ou a pessoa revivem aspectos de vínculos, condutas e cenas internalizadas, podendo recriá-los ou podendo transformar o mundo externo.

Portanto, embora a matriz de identidade seja fundamental para a formação da personalidade, não é sua determinante exclusiva, pois a

complementação dos papéis atualizam as experiências e as marcas afetivas vividas refazendo ou repetindo a fórmula estrutural da conduta da pessoa.

Assim, observamos que matriz de identidade e os outros vínculos residuais que fundamentam a personalidade estão sujeitos à espontaneidade-criatividade, à sociodinâmica e à sociometria, que lançam a pessoa para a sua própria re-construção, a partir dos vínculos.

Este é o endentimento de Rocheblave-Spenlé:

“a relação intersubjetiva modela a relação intra-subjetiva...os processos intra-subjetivos podem ser considerados interiorização dos processos sociais e, em particular, da relação de papéis” (p.71 in Perazzo, 1986, p.86).

A teoria do psicodrama é, pois, dialógica quando constata que o eu se estrutura e se encontra através do outro, a todo momento.

1.5 – Self e Personalidade na concepção psicodramática

Para a teoria do vínculo e dos papéis, a personalidade não é algo estanque, imutável, isolado, pelo contrário, é algo dinâmico e está intimamente relacionada ao mundo social.

Segundo Moreno, personalidade é

“uma função de g (genes), “e” (espontaneidade), t (tele) e m (meio)” (Moreno, 1974: 102).

Trata-se, pois, de uma conjunção de fatores que se associam ao momento específico e a determinada situação.

Nessa linha, Pichon-Riviere (1988) afirma que, no vínculo, tudo está implicado e complicado e a personalidade resulta de seu estabelecimento. Os

determinantes da personalidade não devem ser só vistos como endógeno ou exógeno, mas a reação é particular numa situação e momento, devendo-se considerar o fator interno e a maneira pela qual a realidade é vivenciada pela pessoa de acordo com sua história de vida.

No mundo interno da pessoa, na sua dimensão psíquica, estão também aspectos dos vínculos que foram internalizados e que constituem uma rede sociométrica da dimensão pessoal do indivíduo.

Nesse sentido, Moreno nos afirma que a função do papel é

“penetrar no inconsciente, desde o mundo social, para dar-lhe forma e ordem.” (1974, p. 28).

Portanto, o papel expressa o eu e, ao mesmo tempo, o estrutura por meio da troca intersíquica nos vínculos.

Assim, todo vínculo está imbuído da contradição de ter características permanente (que lhe dão uma identidade ou uma dinâmica própria) e de transformar-se constantemente. Isso porque os papéis têm as histórias individual e do grupo e, ao mesmo tempo, estão tempo integrados com o “aqui-agora”, que incorpora o presente, o passado e o futuro, em uma determinada situação.

Então, um filho será sempre filho, mas a cada instante é um filho transformado pelas experiências com o mundo e com os próprios pais e o mesmo acontece com os complementares mãe/pai. Então, um dia, esse filho exercerá, por exemplo, o papel de namorado, carregando as experiências vividas e transformadas no papel de filho, o que lhe fornece as suas características de papel ou a sua modalidade vincular afetiva. Esse namorado será sempre o namorado, mas continuamente transformado pelas experiências no vínculo com a namorada, o mesmo acontecendo com ela.

As transformações que ocorrem nos vínculos podem torná-lo mais coeso, se prevalece o fenômeno tele, propiciador da co-criação, ou mais conflituoso, se houver prevalência do fenômeno da transferência que bloqueia o fluxo da espontaneidade-criatividade.

A concepção holística de personalidade de Moreno, inclui o conceito de “eu total”, ou o *self*. Para o autor, o *self*, como a personalidade, também é uma função dos fatores genes, espontaneidade, tele e meio.

Nesse sentido, a personalidade e o *self* são o resultado da integração de três dimensões: a fisiológica; a mental ou psicológica; e a social e/ou cultural. E as estruturas do *self* e da personalidade seriam constituídas pelas configuração de papéis.

Quanto a essa estrutura, o autor nos diz que os papéis esforçam-se por se agrupar e desenvolver entre eles “vínculos operacionais” que os conjugam e os integram numa unidade. Moreno afirma que

“Tem de se desenvolver, gradualmente, vínculos operacionais e de contato entre os conglomerados de papéis sociais, psicológicos e fisiológicos, a fim de que possamos identificar e experimentar, depois de sua unificação, o “Eu” e o “a mim”.” (1974, p.26) **(10)**

E nos diz ainda:

“corpo, psiquê e sociedade são, portanto, partes intermediárias do Eu Total.” (1974, p.26)

O *self*, portanto, é um todo que abrange todas as dimensões humanas.

E Moreno nos alerta que os desequilíbrios nos agrupamentos de papéis

“geram um atraso no surgimento de um eu real e como tal experimentado, ou intensificam os distúrbios do eu.” (1984, p.28)

Ainda, Moreno correlaciona *self* à criatividade espontânea do ator, dizendo que no teatro de suas visões

“tinham a primazia o self do ator e sua criatividade espontânea.” (...)

E, assim, definiu *self* como

*“o cadinho de experiências oriundas de muitas direções. Uma destas dimensões do self é a social; outra, a sexual; outra, a biológica; outra, a cósmica; mas o self é mais do que qualquer uma destas dimensões(...) Minha tese é que o **locus** do self está na espontaneidade. A própria espontaneidade é um desvio das “leis” da natureza e a matriz da criatividade. Quando a espontaneidade está a zero o self está a zero (...)quando a espontaneidade cresce, o self se expande.” (idem, 1984, 20-21).*

O autor cita Jesus e os grandes profetas como exemplos de seres humanos que demonstram a espontaneidade e a criatividade do *self* florescendo. (1984, p.17).

Moreno criou a socionomia, a partir do teatro espontâneo, mantendo fixa a idéia do “*self* espontaneamente criativo”, apesar do descrédito de todos.

O autor hipotetizava a mensuração do *self* pelo grau de espontaneidade e estudou essa hipótese, por meio de testes de espontaneidade e

de sua prática no teatro espontâneo, e, mais tarde, nos diversos métodos sociátricos, dentre eles, o psicodrama e o sociodrama.

Moreno apregoava a totalidade do ser e buscava desenvolvê-la por meio da sociatria. E deduzia:

“se o self do Homem pode expandir-se em poder e criatividade (...) então deve existir uma certa relação entre a idéia do self humano e a idéia do self universal, ou Deus.” (idem, p.21)

E conclui:

“minha tese é que o cerne do problema não é nem Deus, nem a negação de sua existência mas, sim, a origem, a realidade e a expansão do self. Por self quero dizer qualquer coisa que reste de você e de mim, depois que a mais radical redução de “nós” for feita por retroducionistas passados e futuros.” (idem, p.21)

O *self* é, pois, o eu total, o mais profundo eu, a mais profunda redução de um vínculo, onde resta a centelha divina, o ser cósmico, a essência criadora do Homem.

Moreno afirma que o fator tele, no plano social, pode conferir à expansão do *self* a direção necessária. E, assim, propõe a

“expansão do self do plano do organismo individual para o plano cósmico de governante do universo (...) o que será um processo de realização do self pelo self e através dele.” (1984, p. 23)

Podemos perceber que a dimensão do *self* nos indica o caminho do trabalho psicossocial de desenvolvimento do ser humano.

Portanto, a personalidade e o *self* pertencem ao universo aberto e sujeito a mudanças, devendo, pois, serem estudados considerando os fatores psicossociais pertinentes ao vínculo.

Observa-se que as Teorias do Vínculo e de papéis sugerem uma compreensão mais ampliada da personalidade, além de uma sociopsicopatologia do vínculo, que enfoca com um intenso arsenal teórico.

Assim, sinteticamente, a psicopatologia sociopsicodramática consiste na:

1) patologia do aquecimento, ou seja, distúrbios no preparo para uma ação ou desempenho de papéis. Moreno afirma que pode ocorrer a patologia do desempenho do papel relacionada à deficiência de

“espontaneidade requerida para estimular uma apropriada elaboração de imagem e para libertar imagens contrutivas de desempenho de um modo suficientemente rápido para que as imagens produzidas pelo medo não possam tomar o lugar daquelas” (1974, p. 360).

2) patologia da espontaneidade-criatividade, ou ausência de adequação em relação ao momento e ao contexto, em que se exerce um papel, sofrendo interferência das condutas conservadas, que são as respostas repetitivas e automatizadas às situações que exigem criatividade;

3) patologia dos papéis e de sua integração na personalidade, tais como a angústia decorrente dos papéis que estão reprimidos; a fadiga dos papéis rotineiros; a ausência de papéis que, em determinadas circunstâncias, são

exigidos ao indivíduo; a forte carga emocional ansiógena em determinados papéis;

5) patologia do vínculo ou neurose interpessoal, com jogo de papéis perturbados devido a sociometria patológica, na qual, por exemplo, os projetos dramáticos não são reformulados.

6) complementaridade de papéis patológica, com o co-inconsciente que promove a atuação de papéis imaginários que bloqueia a livre expressão dos indivíduos nos vínculos, a co-criação e a expansão do *self*.

A complexidade da teoria dos vínculos e dos papéis estimula vários estudos que possam tornar a prática sociátrica mais efetiva.

Conclui-se que no desempenho dos papéis está um homem que fala, simboliza, tem um corpo e interage com o meio, transformando-o e sofrendo uma transformação. O ser humano, então, se desenvolve a partir do encontro com outro ser humano, tornando-se uma totalidade dinâmica e peculiar corpo/mente/ambiente em que vive.

Nessa visão dialética, a socionomia (por meio da teoria do vínculo) e a sociatria são partes de um todo dinâmico, no qual os conceitos são interdependentes e se influenciam mutuamente.

E, assim, as importantes tarefas de pensar, lembrar, viver e desfrutar de nossos vínculos no cotidiano simplesmente se fazem presentes a todo instante, queiramos ou não...

NOTAS

- 1- Rubini, : O conceito de papel no Psicodrama. Revista Brasileira de Psicodrama. Vol 3 – fasc. 1 – 1995, p. 58

2 - Rubini, op. cit., p. 59

3 – Protagonista, no Psicodrama, é um dos elementos da seção psicodramática. É o indivíduo que, por meio de suas ações e expressões emocionais, expõe o co-inconsciente do grupo, revelando seus conflitos e clamando por ele.

4 – Sociometria é a parte da socionomia que estuda a estrutura e a organização dos grupos, a partir de testes sociométricos. Nesse caso, estou concebendo-a dentro do dinamismo de nossos vínculos e grupos sociais, a partir dos projetos dramáticos.

5 – Transferência, conceito freudiano, se às fantasias irreais que o paciente projeta no psicanalista. Nesta situação há transferência de sentimentos sobre a personalidade do médico que não se originam na situação presente, mas reportam a algum momento anterior. Na experiência da transferência o psicanalista vive a contra-transferência. Esta concepção foi questionada por Moreno (1983). Nos próximos capítulos também aprofundarei a concepção psicodramática da transferência, considerando a definição socionômica da co-transferência de Aguiar (1998)

6 - No próximo capítulo estaremos aprofundando este conceito de Sérgio Perazzo. Em síntese, o autor afirma quando *“o movimento relacional se inicia, os papéis complementares que se articulam o fazem a partir de uma pauta de expectativas que o próprio ato de se relacionar vai deixando a descoberto no momento ou no processo. A “reformulação de tal sistema de expectativas”, “enquanto e durante este movimento relacional, nada mais é que a co-criação. Esta situação de complementaridade criativa em que se dá um encontro de espontaneidades é o que chamaríamos de tele.”* Assim, para Perazzo, tele é co-criação. (Do livro “Fragmentos de um olhar psicodramático, SP, Ágora, 1999; p. 142)

7 - Moreno também define espontaneidade como um catalisador para as respostas criativas. Perazzo, afirma que se a *“criatividade é o movimento de expansão no mundo (...) que torna visível a espontaneidade, tem, portanto, um sentido relacional.”* Assim, ele conclui que não tem como dissociar espontaneidade de criatividade, mas torná-los conceitos únicos, unindo as suas dimensões individuais e relacionais. (capítulo 01, “Que teoria, de que psicodrama” , de Sérgio

Perazzo, do livro “Manual de Psicodrama: Teoria, Técnica Y Clínica a ser lançado pela editora Olalla, Madrid)

8 – Representação mental mútua é um termo de Pichon-Riviére (1988) e será aprofundado no capítulo sobre co-inconsciente.

9 - Martin, G. Psicologia do encontro: J. L. Moreno, Ágora, 1996.

10 - Segundo as revisões sobre as classificações de papéis, consideramos os vínculos operacionais entre os papéis sociais, imaginários, latentes (e psicodramáticos, para quem participa de algum método sociátrico).